

Entrevista com Roselis Batista



Poeta, linguista e professora, Roselis Maria Batista nasceu em Santos, São Paulo, filha de pais nordestinos ligados à literatura. A mãe era contista e o pai, o jornalista Oduvaldo Batista. Estudou Letras na Universidade de São Paulo, fez estudos eslavos em Moscou. Estudou também no México, onde publicou o livro Poeminhas, reunindo seus trabalhos em edição bilingue. O doutoramento a levou para França, onde atualmente leciona e pesquisa na Universidade de Reims Champagne Ardenne. Na tese de

doutorado, estudou a presença da mulher nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Mais recentemente publicou Lírica nem sempre amorosa / Lírica ni siempre amorosa, Cristais de Orvalho e Oduvaldo vivo, in memoriam, ao jornalista Oduvaldo Batista.

Ciência & Luta de Classes - Como nasceu seu interesse pela linguística e pelo estudo das línguas?

Meu interesse pelas línguas sempre existiu, desde pequena, e isso porque eu queria entender como viviam os outros povos, como eles mesmos falavam e escreviam sobre eles, sua música, sua obra literária, sua História. Lembro-me de que, quando comprei meu primeiro livro em espanhol - sobre Beethoven - fiquei me perguntando o que queria dizer “*la sordera de Beethoven*”; eu queria saber o que era “*la sordera*”, como queria entender bem o vocabulário musical em italiano, já que eu ia começar a Faculdade de Música. As línguas passavam pelos meus ouvidos como se fossem um tipo inferior de melodias, mas melodia mesmo assim. E eu acho que a música clássica e as outras que se escutava em casa foram minhas mestras auditivas. Até hoje eu acho que é fácil falar outras línguas, que é só uma questão de querer. Sem exagerar, eu sei, como professora de línguas, além de linguista, que essa razão, já é meio caminho andado. Resumindo, quem me levou ao estudo de línguas foi minha intenção de ler cada vez mais sobre a história da música, sobre harmonia, contraponto, etc. Meu pai dizia que Johan Sebastian Bach era o pai da música; foi também o tio das minhas andanças linguístico-musicais. Eu queria ir estudar piano no Conservatório Tchaikowski de Moscou, quando fui para lá; estava no primeiro ano superior da Faculdade de Música Sagrado Coração de Jesus e, naquela época

tocava de três a quatro horas de piano por dia; logo, queria estudar russo também. Acabei indo para Moscou estudar Filologia e Linguística e terminei na Linguística. O ouvido educado me ajudou nos contatos “*in loco*” com as línguas indígenas mexicanas, mas, sobretudo, brasileiras, como o *krahô* e o *ofayé*.

C & LC - E a poesia, como se tornou marca tão forte em sua literatura?

Comecei a escrever poesia aos 12 anos de idade. Quanto mais ia avançando na idade, mais escrevia. O contato com as aulas e a leitura dos nossos impressionistas deixaram uma marca nos poemas que eu escrevia naquela época. Nunca parei de escrever, e só publicava em antologias poéticas no Brasil, mas o primeiro livro - *bilíngue português/espanhol* - foi publicado pela universidade onde eu trabalhava no México - Universidade Autônoma Metropolitana, e isso porque eles me propuseram publicar, pois nunca havia pensado nisso antes. Continuei escrevendo - para quem escreve só há interrupção quando a arte da escritura não faz parte do seu pão cotidiano. Quando vim para a França, a poesia fez-se mais necessária, pois ela me ajudava a não sofrer, apaziguava minhas desilusões. E fui, sem saber, exercitando minha escrita poética, lendo outros poetas, aproximando-me cada vez mais dos vates russos, espanhóis, novos e velhos brasileiros, peruanos, - apaixonei-me por Serguei Iessienin, Vicente Alexandre, Cecilia Meireles, Saramago, César Vallejo, Marina Tsvietaeva, Maiakowsky, Castro Alves de novo, etc. Cheguei ao ponto de não poder viver perto de um caderno e de uma caneta porque, quando vinha a vontade de passar minhas impressões ao papel, tudo se tornava secundário. Dentro do ônibus, por exemplo.

Meu engajamento político está refletido nessas criações, em particular no meu último poemário de 2013, dedicado em primeiro lugar ao meu pai, o jornalista Oduvaldo Batista, combatente ativo, por toda a sua vida, pela justiça social, pelo verdadeiro socialismo - “*Rubra/Carmesi*”, o poemário em questão, foi publicado por Cenzontle no México e lançado na Feira Internacional do Livro de Guadalajara, com poemas em espanhol, outros em português, alguns traduzidos por mim mesma. Meu prologuista brasileiro, João Adalberto Campato Jr., escreveu:

“... seria contraditória, pois a coexistência de dois elementos destacados em *Rubra*, a saber: o princípio de um caminho que levaria, se fosse levado às últimas consequências, à rarefação do referente (eclipsado, então, pela expressão verbal artística) e a poesia de concepção militante? Pensamos que não. Não, porque se pode realizar, a despeito de algumas opiniões contrárias, literatura militante de agudo trabalho estético”. (*Rubra/Carmesi*, p. 26).

(*Rubra em português e no feminino, porque ele preferia o vermelho como cor, cor da luta, das batalhas, das rosas, das frutas brasileiras como a pitanga, o jambo, a acerola, e outras, e no feminino porque o amor é vermelho, e ele se dizia feminista, e se tornou realmente feminista*). *Carmesi seria equivalente em espanhol: o poemário é bilíngue. Foi publicado aqui no México, por Cenzontle em 2013*).

Seria interessante, e muito justo, acrescentar aqui a opinião do meu prologuista para os versos em espanhol, Emmanuel Le Vagueresse, que, sem conhecer o que escreveria João A. Campato, diria algo parecido sobre o militantismo em poesia:

“Aunque en primer lugar la ausencia paterna permanezca: “Ni se eclipsaran las ganas de revertir”, ya que el recuerdo es gráfico: “Te veo en el pasillo del paraíso/ a abrazar una utopía” (...); y en segundo lugar, estas nuevas sensaciones de felicidad ...estén teñidas de cierta tristeza sentida por ella frente a la tristeza de la colectividad, de la que nunca se olvida ella: una colectividad que nunca se ha sentido tan mal como ahora en este mundo cruel, en este planeta del terror, de la miseria y de la opresión ideológica, religiosa o económica (Rubra/Carmesi, pp. 15-16).

Eu espero publicar este ano outro poemário por Cenzontle que, em nahuatl, a língua dos antigos aztecas, ainda muito falada no México, quer dizer “pássaro das 400 vozes”. Que melhor nome para uma editora?

C & LC - As telenovelas e a teledramaturgia em geral, embora em crise, ainda conservam bastante interesse no Brasil. Comente sua tese de doutorado, que analisou as telenovelas brasileiras e mexicanas.

Na realidade chamava-me a atenção o sucesso do gênero, e como eu estava buscando um tema para minha segunda tese doutoral - o primeiro doutorado foi em Linguística (semântica), e foi um doutorado chamado na França de “terceiro ciclo”, que desapareceu para dar lugar ao doutorado “*nouveau régime*”, que é o atual, que já querem mudar de novo, parece..., e a telenovela estava na moda, eu dava palestras sobre ela, pois fiz um segundo mestrado na França sobre a telenovela mexicana, enfim, foi um prosseguimento. Eu queria saber mais sobre “*paraliteratura*”, e fui buscar as origens dessa “*literatura*” para os que não sabem - ou não sabiam ler, - segundo Pixérécourt - lá longe, no teatro de melodrama francês nos finais do século XVIII. Acabei chegando em Cuba com a radionovela (não vou contar o que veio no meio de tudo isso), mas acabei estando de acordo com o livro cubano *Llorar es un placer*, e quis buscar a influência dessa ficção para televisão, sobretudo no México e no Brasil, os dois países de minha pesquisa. Queria saber o que levava o povo (homens também, apesar de que muitos escondem que assistem telenovela) a estar tão ligado nelas, quais eram as profissões representadas, qual era a diferença da novela brasileira e da mexicana. Não poderia fazer de novo uma tese baseada nesse “*não feminismo*” e na, nem sempre, boa qualidade das produções, além do tempo de no mínimo seis meses para cada uma das quarenta - de vários países - que assisti “*de cabo a rabo*”. Foi preciso muita paciência, mas recolhi muita aprendizagem, entendi as diferenças dos preconceitos - em particular no México - que também tinha algumas boas produções, mas investia pouco em muitas delas - de 500 mil dólares pela novela inteira, quando um só capítulo de *Kananga do Japão*, por exemplo, podia custar uns 200 a 800 mil ou mais. Depois havia o papel do Estado, dos governos, “*metendo o bedelho*”, no México, em Televisa.

Sempre entendi o aspecto econômico internacional da manipulação do povo através da telenovela. E há um capítulo de minha tese onde incluo a Linguística semântica, para diferenciar pela fala, pelo oral, como se dá o discurso amoroso nos dois países, e há muitas semelhanças: a mulher dependente, dentro de um casamento já desgastado, (*A Idade da Loba* com Betty Faria) como se exprime, como os homens são punidos nas telenovelas, como o machismo e a misoginia saem a reluzir - quando saem, quando não é encoberta. Trabalhei o “campo semântico discursivo do amor nas produções dos dois países e publiquei análises de novelas políticas, onde o beijo

passa depois da vitória de um sindicato rural, como em *O Salvador da Pátria*, novela onde se inverte o papel da “*cinderela*”, passa a ser “*cinderelo*” e era analfabeto e feio - apesar de adocicar o coração do público. As classes sociais são melhor vistas, mas nos dois mundos latinos, a riqueza e sua contraposição, a pobreza, são as duas classes que mais aparecem, como se essas classes fossem “*naturais*”. O homem é quase sinônimo de “*rico*” e “*bom partido*”, e quando não o é, é pouco interessante, ou é “*pé rapado*” bom para se casar com uma doméstica, ou é bandido - estou falando no geral, pois divido as telenovelas em dois tipos: a telenovela tradicional (como a história variante de Cinderela) e a telenovela realista moderna como *Kananga do Japão*, onde a heroína termina com um ex cafetão, ou *O Salvador da Pátria*, por muitas razões, com o “*Cinderelo*” (Lima Duarte).

A tese teve vários capítulos e aprendi muito com ela, mas passar dois anos ininterruptos assistindo novelas três horas por dia, - cinco anos assistia uma hora ou duas - eu não o faria mais. Uma coisa muito positiva, é que essa pesquisa me abriu as portas para a análise de filmes e dei, até o ano passado, aulas de cinema latino-americano. Como dava a História do Cinema, então, eu projetava - além de documentários, exemplos desde Eisenstein e Murnau até Gutierrez Alea, Ripstein, etc., inclusive os filmes falados em língua indígena como em *purépecha*, no filme mexicano *Eréndira*.

O mais importante foi a visão que a televisão dá de seu povo espectador - o Brasil tende a dizer, deixar entender, que o problema socioeconômico projetado naquela história, é ficção, e tira da realidade o problema, a intriga, como em *O Rei do Gado*, mas não somente.

Não me arrependi de ter pesquisado a telenovela. Algumas enquetes que passei mostram que as mulheres - foi o público feminino que me respondeu, de diferentes idades e classes sociais - preferem distrair-se, e não acreditam em tudo o que veem na telinha. É importante entender o “*povo*”. A telenovela é “*democrática*”; como que apaga, lima as diferenças, e os pobres que labutam muito por pouco dinheiro querem poder SONHAR; o dono da Televisa no México, na época, Azcarraga Milmo, sublinhou que os que não têm dinheiro para sair de casa, pagar cinema, teatro, shows, etc. têm a telenovela para “*se distrair*”. Enquanto isso, ele arrecadava milhões exportando-as a mais de 50 países, como a Globo também faz.

“...e a telenovela estava na moda, eu dava palestras sobre ela, pois fiz um segundo mestrado na França sobre a telenovela mexicana, enfim, foi um prosseguimento”.

“Ele [o escritor Políbio Alves] tem muito a dizer de uma maneira simbólica, literariamente, com uma escrita bem elaborada e, ao mesmo tempo, acessível aos menos “*dotados de escola*”, mas profundamente erudita”.

C & LC - Você tem procurado divulgar nossa literatura na França. Ao comentar a obra do escritor paraibano Políbio Alves, você fala de velha e nova épica, explique melhor essa abordagem do autor mencionado e na literatura em geral.

Bom, na França eu me dediquei mais a estudar e pesquisar literatura do que linguística. Provavelmente porque havia - e há - na Universidade de Reims Champagne Ardenne - à uma hora e meia de Paris - um seminário muito bom, que faz parte do Centro de Pesquisa, chamado CIRLEP, e onde aprendi muito e também divulguei, na

medida do possível, a literatura escrita em língua portuguesa, como a do Timor, com Luis Cardoso, a de Portugal, com José Saramago, a do Brasil, com Políbio Alves. Antes, na Universidade de Poitiers, eu frequentava o Seminário de Literatura, mais ligado à literatura escrita em espanhol e português e mais voltado para a América Latina. Nesse seminário a brilhante pesquisadora e escritora Maryse Renaud, da Universidade de Poitiers, dava muita importância ao que se estava fazendo no Brasil em termos de literatura, ensaio, poesia, paraliteratura, etc., e publicava as pesquisas em forma de artigos em espanhol ou em francês. Foi lá que eu publiquei um trabalho sobre Gregório de Matos, em espanhol, - achava que o grande escritor brasileiro necessitava ser mais conhecido do público que tem o espanhol como língua materna - e dei também uma palestra sobre Políbio Alves, em francês. Já com a conquista - que foi árdua - de uma vaga na universidade francesa, em Reims, passei a frequentar o Seminário de Literatura, que versava, sobretudo, sobre leitura, mas que mudava de temática mais precisa a cada dois anos - seminário esse dirigido por três excelentes pesquisadores: Alain Trouvé, Marie Madeleine Gladieu e J. C. Pottier. Os três com um grande conhecimento da literatura francesa, mas também universal. M. M. Gladieu, por exemplo, é especialista em literatura latino-americana em língua castelhana, em particular a peruana, mas lê em português também, conhece muito da literatura portuguesa e brasileira.

Se escolhi Políbio Alves - um escritor já bem reconhecido em seu estado natal, a Paraíba, mas infelizmente, ainda mal conhecido no Brasil, apesar dos prêmios que conseguiu conquistar dentro e fora do Brasil, por exemplo, na Itália e Argentina - foi, não pelos prêmios, mas por outras razões. Ele tem muito a dizer de uma maneira simbólica, literariamente, com uma escrita bem elaborada e, ao mesmo tempo, acessível aos menos “*dotados de escola*”, mas profundamente erudita. Ele inova resgatando um gênero meio esquecido - o épico -, e modernizando-o, colocando como herói não um “*homem corajoso e valente*”, mas um elemento da natureza, desses elementos que procuram sobreviver apesar dos constantes ataques dos homens, “*valentes*” ou não. Quem melhor para contar a história da fundação de uma capital de um estado brasileiro que um rio? Esse, sim, viu tudo, apercebeu-se de tudo, foi usado, recebeu sangue e continua recebendo, porque em outra obra - não a neo-epopeia *Varadouro* - sobre a qual falei em Poitiers, mas *O que resta dos mortos*, - onde o rio, do centro da cidade velha de João Pessoa, continua recebendo sangue dos infelizes a polícia mata impunemente. Numa junção entre o antigo e o moderno, Políbio Alves funda uma sinonímia que provoca medo, que faz o leitor refletir. E moderniza o “*ecológico*” com o “*social e o econômico*”. Sua literatura é genial, é sumamente criativa, seu estilo é contundente, fazendo o leitor tremer de emoção, porque a prostituta que o é por condição social, quer mais o carinho do que as moedas que lhe darão o que comer. Indiretamente, Políbio Alves diz: a antiguidade está aqui, remoçada, mais feroz que antes. Se o Brasil não o quer conhecer, não sabe o que perde. Este escritor já é conhecido na França, em Cuba, na Itália.

Sinto uma alegria imensa em divulgar o que há de bom no Brasil. E vou continuar fazendo isso: traduzindo, dando palestras, publicando. Eis aí minha missão. Não só penso em mim e na minha poesia, compartilho.

**C & LC - Quais as perspectivas para o trabalho acadêmico, na França hoje?
Como a política interfere na produção científica?**

Hoje está cada vez mais difícil o trabalho acadêmico na França. Aliás, não é de hoje; já em 2009, quando os universitários fizeram greve contra as novas medidas que começavam a se implantar, com uma tal lei - LRU -, que começava a cavar as possibilidades de ir aos poucos tirando direitos e implantando outras normas, com o suposto objetivo de modernizar a “*universidade francesa*” - mas também no secundário, 1º e 2º ciclo, também começaram a fazer modificações, retirar certas disciplinas, diminuir a quantidade de horas anuais para outras, etc. No primário, impuseram que cada professor desse aulas de inglês, sem se perguntar se eles sabiam a língua, um desastre, pois a maioria não sabe mais do que “*hello*” e “*thank you*”. Agora, um doutor que se aposenta, dificilmente, é substituído - é preciso que dois se aposentem, no mínimo. A maioria dos professores de Letras - onde estou agora, é contratado, e não tem vaga fixa, ganha menos porque está ocupando uma vaga, hierarquicamente baixa, e trabalha mais. As universidades não são iguais, financeiramente falando, desde que o governo as tornou autônomas. Então, como têm que se virar, algumas acabam com déficits enormes, não podendo comprar o mínimo para funcionarem bem. Logo, não é o papel que falta para as secretarias, é tudo, principalmente pessoal, administrativo, docente, de limpeza, todos e os que ficam têm que levar nas costas, o trabalho dos que se foram. O número de vagas para os alunos aumenta todos os anos, então, todos têm mais trabalho ainda. Some-se a isso a diminuição das horas de determinados cursos - às vezes reduzidos à metade ou ao quarto do tempo em que tais disciplinas eram ministradas. Os laboratórios de pesquisa, em todas as áreas, têm seus subsídios cortados, impedindo o avanço das pesquisas. Há universidades que estão gritando por ajuda. O Ministério da Educação, que tem dois ministros, um para a educação superior e para a pesquisa, e outro para a educação anterior à faculdade, decidiu, atualmente, agrupar universidades próximas - geograficamente, não tão próximas, na realidade, para os estudantes, sobretudo aqueles que às vezes não conseguem pagar o aluguel de um estúdio, quitinete ou quarto, pois não há bolsas de estudos para todos. Cada vez mais eles trabalham - qualquer bico - garçom, caixeiro de supermercado, publicidade viva como homem-cartaz, faxina, etc.

A conclusão é menos pesquisa e diminuição no nível dos estudos e das carreiras. Os professores se matam corrigindo toneladas de exames e assim vai. O governo, por sua parte, dá mais subvenção às escolas privadas, muitas delas religiosas, e esquece das públicas, depois as critica, dizendo que nelas não se trabalha bem, quando a França foi um modelo de educação, de instrução, de prêmios em todas as áreas. Agora, parece que antes só havia maus exemplos, porque é e era uma população que lia muito mais. Esta difícil estudar, fazer pesquisa, os jovens não têm muitos horizontes, só se pensa no dinheiro, no lucro, não no humano, na cultura, na verdadeira educação. É isso aí que esse regime - com sua desculpa de crise - não para um punhado de ricos - quer implantar. A universidade não é, nem nunca foi uma empresa; é a casa do SABER.

C & LC - Você também acompanha a conjuntura política na França. Como repercutiu o atentado ao jornal francês?

O que se pode tirar das eleições regionais francesas? Fale de seu trabalho, hoje, e de possíveis novos projetos.

O atentado ao *Charlie Hebdo* repercutiu de várias formas na França. Em primeiro lugar, muitas pessoas acharam que todos muçulmanos podem ser terroristas – então,

se o racismo francês já era forte, que dirá depois disso! Mas, a questão religiosa se agudiza - os franceses, em geral, não são religiosos, ainda há muitos ateus, na França - graças a Deus - numa sala de aula de 30 alunos, mais ou menos, só 5% - em geral filhos de estrangeiros, ou uma inglesa que estava lá estudando - disseram que eram praticantes. Mas, para a grande maioria, a prática religiosa não tem importância nenhuma e muitos eram ateus. Agora, quando chega a hora de conservar certas tradições - batizado, comunhão, casamento na igreja, missa de 7º dia - ainda há muitas famílias francesas que praticam. O assassinato frio e abrupto de um grupo de cabeças pensantes, bons jornalistas e desenhistas – caricaturistas -, abalou pela brutalidade da ação. Eu sempre achei que se deve respeitar a crença de todo mundo e alguns deles foram, talvez, longe demais, mas não para serem assim, assassinados à queima roupa. Eu conheci pessoalmente Wolinski, um dos que foram mortos, era um homem lúcido, inteligente, muito humano.

Com relação às eleições regionais, eu só digo uma coisa: no primeiro turno, o partido de extrema direita, com fontes fascistoides claras, saiu ganhando em muitas regiões e a líder do Front Nacional (Frente Nacional) cantava vitória. No segundo turno, a FN não ganhou, segundo entendi, em nenhuma região. O partido do ex-presidente Sarkozy ganhou em muitas, mas ele, o representante mais conhecido de seu partido, é mal visto, tem muitos processos contra ele. E o PS (Partido Socialista) francês, que de socialista só tem o nome - ficou em terceiro. Mas o fato de que os franceses refletiram antes de votar, e não elegeram a FN, já é sinal de esperança.

C & LC - Fale de seu trabalho hoje e de possíveis novos projetos.

Atualmente, eu quero continuar escrevendo minhas poesias e publicando; fazendo meus comentários políticos, senão para um jornal, pelo menos por internet, divulgando os absurdos que essa política neoliberal está fazendo, contra a educação, a saúde, contra os direitos dos trabalhadores.

Continuarei a realizar minhas pesquisas sobre escritores da América Latina, mas, sobretudo, do Brasil e do mundo de língua portuguesa, como da África e do Timor. Continuarei a traduzir, nas minhas quatro línguas ativas, artigos de esquerda, literatura e poesia. Darei muita importância ao tema indígena e ao de gênero. O feminicídio está crescendo no mundo; a mulher voltou a ser atacada, mais frequentemente, e só pelo fato de ser mulher; os nossos índios devem ser respeitados e protegidos, pois eles sabem o que é respeitar a natureza, a fauna e a flora. Nós, os ditos civilizados, sabemos bem é “matar”, sem necessidade; por isso somos suicidas. Que tal mudar?